

1984 - 2004

XXI FESTIVAL DE ALMADA

VINTE ANOS

Joaquim Benite

Quando, em 1984, organizámos a primeira Festa de Teatro de Almada, quem poderia prever o caminho percorrido pelo futuro Festival em 20 anos? Seriam necessários vários grossos volumes para descrever as vicissitudes desse caminho, o esforço desenvolvido, os obstáculos que foi necessário superar.

A actual companhia (ex-Grupo de Campolide) instalou-se em Almada em 1978. Os objectivos da mudança de Lisboa para Almada eram claros: estava-se na época da chamada "descentralização cultural" e muitos colectivos abandonaram as grandes cidades para se instalarem nas periferias e no interior, à procura de um novo público, até aí separado da fruição cultural. A formação de públicos era, pois, um objectivo essencial.

As companhias da descentralização eram estruturas de criação e produção artística mas, ao mesmo tempo, unidades de animação cultural, desenvolvendo um conjunto de acções de dinamização de público, ateliers de formação, apoio a estruturas locais na cedência de materiais técnicos ou no aconselhamento artístico, colaboração com escolas, apoio a grupos amadores de teatro. Todo este trabalho tinha por finalidade inscrever a companhia na comunidade, aproveitando o motor cultural que o teatro é sempre, em qualquer circunstância geográfica e social.

Em 1984 o trabalho com os grupos amadores tinha, designadamente, conduzido à encenação de vários espectáculos com diversos grupos do Concelho e não só, com encenações minhas e de José Martins, de Vítor Gonçalves e Fernando Jorge Lopes (que se estrearam juntos no Festival como encenadores), de Luís Vicente, José Mora Ramos e Hermínio Fernandes. Foi o conjunto desses trabalhos que decidimos mostrar, durante uma semana, num palco improvisado na zona velha da cidade – o Beco dos Tanoeiros – para uma plateia de uma centena de pessoas. Era, para os amadores, a maneira de se apresentarem perante a cidade e, para a Companhia, a forma de dar uma ideia de conjunto do intenso trabalho que desenvolvia no apoio ao teatro amador. As despesas, reduzidas ao mínimo, foram financiadas por um subsídio de 100 contos da CMA. Receitas não havia, os bilhetes eram gratuitos e os primeiros espectadores que chegavam ocupavam as cadeiras

Continua na página 2



PLANCHON: PELA PRIMEIRA VEZ NO NOSSO PAÍS

VINTE ANOS

Continuação da página 1

disponíveis. Os actores vestiam-se e maquilhavam-se em casas particulares de moradores do Beco, que colaboravam entusiasticamente com a iniciativa.

O êxito alcançado por esta Mostra ao ar livre fez-nos pensar em repetir em 1985, ano em que, realmente, se pode começar a falar de Festival.

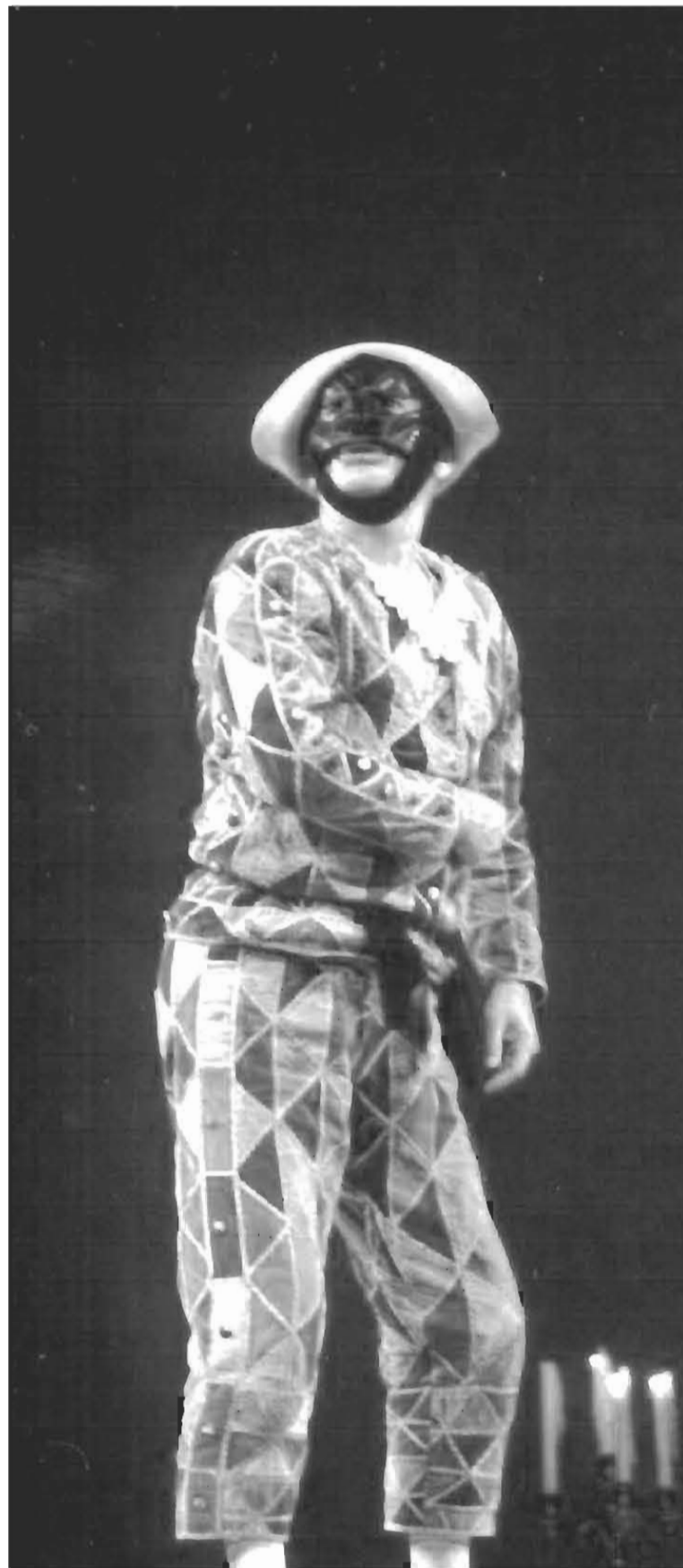
Dadas as dificuldades orçamentais, a II Festa continuava a incluir grupos amadores locais, mas já contava com companhias profissionais – incluindo a Companhia do Teatro Nacional, que veio representar *O Gebo e a Sombra*, de Brandão. Foi também em 85 que começou a série de homenagens a figuras de teatro, tendo Eunice Muñoz, integrante do elenco do Nacional, sido a primeira homenageada.

Do Beco dos Tanceiros passou-se para o Pátio do Prior do Crato, e para uma bancada de 200 pessoas. Depois, foi a evolução. Quando o Pátio se tornou pequeno, improvisou-se um novo palco em frente do então edifício dos SMAS (300 lugares), até à passagem para a Casa da Cerca (400 lugares), onde o Festival se manteve alguns anos. Em 1992, o Palco Principal passou para a Escola D. António da Costa, onde se manteve, graças à colaboração da Escola e, sobretudo, ao entusiasmo da Dr.ª Cândida Coelho, presidente do respectivo Conselho Directivo.

O Festival passou por várias etapas. A certa altura tornou-se um encontro de companhias profissionais. Mais tarde, internacionalizou-se. As primeiras participações internacionais ficaram a dever-se a grupos universitários europeus, que actuaram sem cachet, e ficaram alojados, muitas vezes, em casas particulares ou na Torre das Argolas, um dos primeiros grandes apoios do Festival.

Desde praticamente o início o Festival teve um grande apoio da Imprensa. Ainda no tempo do Palco do Pátio do Prior do Crato, Manuel Rio Carvalho, que – com Carlos Porto e Eugénia Vasques – foi dos grandes entusiastas do Festival de Almada, baptizou-o de *O nosso Avignonzinho*.

Depois veio a modernização, o aumento da dotação orçamental da Câmara de Almada e as primeiras contribuições dos *sponsors* privados. O aumento substancial do financiamento, decidido pelo ministro Manuel Maria Carrilho, que



Um dos grandes momentos do Festival: o enorme actor Ferruccio Soleri em *"Arlequim, servidor de dois anos"*, de Goldoni, na célebre encenação de Giorgio Strehler com o Piccolo Teatro di Milano.

acreditou nas potencialidades do evento, permitiu transformar o Festival naquilo que ele é hoje: um grande acontecimento internacional que, mantendo muitas das suas características iniciais – o carácter de festa, o cruzamento de estéticas e linguagens, a apresentação simultânea de companhias institucionalizadas e grupos experimentais, com forte componente do teatro jovem –, é hoje tido pela Imprensa especializada portuguesa e estrangeira como um dos mais conhecidos e prestigiados festivais europeus.

Nada do que aconteceu podia ter acontecido sem o apoio de numerosas pessoas e entidades:

a Câmara de Almada, que durante anos assegurou, praticamente sozinha, o financiamento do Festival, as empresas que acreditaram no projecto, as companhias que se dispuseram a colaborar numa base solidária, as Embaixadas de Países estrangeiros, os artistas plásticos que aceitaram o convite para conceber a imagem gráfica de cada ano, os Órgãos de Informação que compreenderam a importância do Festival e o apoiaram, e muitas, muitas outras entidades sem as quais esta obra não teria sido possível.

Mas, acima de tudo, seja-me permitido destacar a maravilhosa equipa que me acompanha desde



"Georges Dandin", de Molière, com encenação de Joaquim Benite e José Martins, e interpretação de Vítor Gonçalves, com o Grupo Amador da Academia Almadense. Foi o primeiro Festival, no Beco dos Tanceiros, em Julho de 1984.



"O amor das três laranjas", de Gozzi, com encenação de Benno Besson, o grande êxito de 2003.



O Primeiro-Ministro e o Ministro da Cultura visitaram o Festival em 2002, tendo manifestado a sua admiração por esta iniciativa e prometido a continuação do apoio do Estado. Na foto estão também a Esposa do Primeiro-Ministro, a Presidente da Câmara de Almada e o director do Festival.

1984 e que inclui pessoas tão notáveis e dedicadas como o Vítor Gonçalves, a Maria Laita, a Teresa Gafeira, o Alfredo Sobreira, o Miguel Martins, a que mais tarde vieram juntar-se tantos outros colaboradores regulares, como o Carlos Galvão, o José Carlos Nascimento, o Paulo Mendes, a Sónia Benite, a Joana Fernandes, o Rodrigo Francisco, ou eventuais, como os muitos jovens que vêm ter connosco todos os anos para uma experiência que frequentemente deu riquíssimos frutos: muitos técnicos e animadores culturais que hoje trabalham em diversas áreas e zonas geográficas do País inicia-

ram aqui, no Festival, a sua preparação.

Ao longo de 20 anos criámos uma longa cadeia de afectos, que abraça todos os Continentes e tornou Almada uma cidade conhecida nos roteiros culturais do Mundo.

É preciso que os próximos anos sejam de desenvolvimento e de crescimento, para que o Festival de Almada, que já tanto prestigia o País no Estrangeiro e tantos serviços já prestou ao teatro português, se tome cada vez mais num dos pontos de encontro obrigatórios do teatro internacional e num marco imprescindível no nosso País.



"Emmanuel Kant", de Thomas Bernhard, com direcção e interpretação de Roger Planchon.

POSFÁCIO

Roger Planchon

Todo o filósofo está ameaçado pela sua imaginação. Um dia, a lógica verbal pegou na mão de um filósofo parisiense e este achou-se, com as cuecas na cabeça, aos saltos no parque Montsouris. Um outro estava convencido de que Aristóteles admirava de tal forma o que ele escrevia nas *Presses Universtaires de France* que, para o aliviar das tarefas quotidianas, vinha a sua casa fazer-lhe as limpezas. A lógica, na loucura, gosta de entalar os grandes espíritos em impasses. Vendo que um muro lógico o impede de ir mais longe, o tolo brilhante convence-se de que descobriu o El Dorado. Por vezes, a divagação lógica ultrapassa a esfera privada e ameaça uma parte da Humanidade. Os políticos ideólogos, tais como Pol Pot e outros líderes filósofos, prisioneiros de um conceito, um dia decretam: 'está na altura de passar à acção e aplicar as nossas boas ideias ao gado humano'. Levando a cabo massacres impressionantes, estes iluminados, através da Lógica, entram para a História.

Quer se seja político, filósofo, religioso exaltado ou um mero vidente terrivelmente banal, um dia acaba por deparar-se com a Lógica delirante. Ela entra de surpresa no posto de comando,

com um piparote manda-vos passear e assume o comando de olhos fixos. Em menos de nada! Só conhece uma rota: a direita. Durante a viagem, a Lógica iluminada já não se importa convosco, mas apenas com a sua boa mulher, passando a ser um tipo empanturrado assim que a expõe no chão de ladrilhos para recuperar o comando no seu foyer.

Toda a gente sabe que Emmanuel Kant jamais deixou a sua cidade natal: Königsberg.

Na peça de Thomas Bernhard, o filósofo, num transatlântico, está a caminho de Nova Iorque. Doutor Honoris Causa pela Universidade de Columbia, aproveitará a sua estadia nos Estados Unidos para ser operado às cataratas.

Que dizer da cegueira que ataca o espírito? Como dizia um cidadão de Bambara: "Não metemos medo a uma mulher grávida ameaçando-a com o que provocou o seu estado". O que é lógico.

"Cristóvão Colombo descobriu a América. A América descobrirá Kant".

Para festejar isto, organiza-se uma festa no convés com balões iluminados. No decorrer dessa noite memorável, uma milionária arregança-se para deixar ver a sua rótula artificial e o autor da *Crítica da Razão Pura* dança *O Belo Danúbio Azul*.

Todos os comentadores estão de acordo ao dizer que esta peça é a mais enigmática de Thomas Bernhard. É normal, porque, como diz o seu herói: "É impossível falar razoavelmente no alto mar". Enigmática é pouco. Esta farsa, como quem não quer a coisa, põe em questão a razão, denuncia a loucura que está sempre presente nela, denuncia a armadilha política que vigia os filósofos e os teólogos políticos. O tema é actual: os teólogos políticos oferecem ao Mundo inteiro, nos telejornais, espetáculos mortíferos.

Thomas Bernhard retira-nos o nosso ponto de apoio mais sólido: a Razão. Com este austriaco, os nossos alicerces vacilam. No decorrer do cruzeiro, Kant convida-nos a admitir que, entre ele e um papagaio, a inteligência não está forçosamente do seu lado. Temos bastante a aprender. Thomas Bernhard pode ajudar-nos.

Graças a esta obra, enriqueceremos as nossas grandes meditações sobre os problemas da Humanidade e nela respigaremos alguns conselhos práticos para abordar, de forma positiva e concreta, a nossa vida quotidiana. Um exemplo: "A lógica ensina que, num paquete de luxo, nada é mais fácil de digerir do que compota e

dobrada". Thomas Bernhard é o autor que retoma, dando gargalhadas, algumas questões que embaraçam o século XX.

O século que se inicia ainda não se desembaraçou dos seus denunciadores mas já adoptou alguns outros. Nesta peça, Thomas Bernhard prova que, para os filósofos, os teólogos políticos e os videntes iluminados, o que aproxima a Razão da Loucura é mais importante do que o que as separa.

"Comprar um fato novo já é ir ao estrangeiro", dizia Groucho Marx. Ao enfiar a casaca de Emmanuel Kant, Thomas Bernhard propõe-nos um cruzeiro entre o burlesco e a inteligência. Pode dizer-se desta viagem no mar alto o que dizia um velho tibetano: "A viagem é um regresso ao essencial".

Mas esta peça é também a ilustração perfeita da opinião do académico Claude Lévi-Strauss: "O que vocês nos mostram das viagens é a nossa imundície lançada ao rosto da Humanidade". O que é, alternadamente, justo e profundo.

Devemos tornar nossa esta opinião mesmo que, com o nosso académico, desfiramos um rude golpe nas agências de viagens ocidentais.

Com o apoio do Centro Cultural de Belém

ROGER PLANCHON, UM SONHO QUE SE REALIZA

"Emmanuel Kant" de Thomas Bernhard com direcção e interpretação de Roger Planchon é a peça a apresentar no Festival

Trazer Roger Planchon ao Festival era um sonho que este ano se concretiza. Depois de Peter Brook, Giorgio Strehler, Luca Ronconi, Luc Bondi, Lluís Pasqual, Bernard Sobel, Benno Besson, Thomas Ostermeier, Albert Boadella e tantos outros nomes maiores do teatro mundial, a presença de Roger Planchon tem o significado de aproximar do público português uma personalidade mítica do teatro europeu. Fundador, em 1957, do Théâtre de la Cité de Villeurbanne, tornado em 1972, por decisão do governo Francês, Teatro Nacional de França, com o nome de Théâtre National Populaire, Planchon foi, até atingir o limite da idade, há dois anos, o director daquele teatro-referência da grande cultura europeia. Mestre de mestres, a obra de Roger Planchon, no domínio da encenação, da dramaturgia, do ensaio crítico e do cinema é tão vasta e importante que dificilmente se pode resumir. Especialista de Molière e de Shakespeare, Planchon continua, aos 72 anos, extremamente lúcido e activo. "O passado não me interessa, sobretudo o meu - afirma. - Repentinamente vi-me responsável por uma família de actores. Trabalhei para que eles fossem os melhores. E continuo a fazê-lo."

Roger Planchon foi lido e estudado em Portugal pela geração de actores que, nos anos 70, renovou o teatro português, aproximando-o da modernidade europeia. É, para muitos encenadores, actores e dramaturgos, uma referência essencial. É este homem que vamos poder ver em Julho no Festival de Almada, graças à exemplar colaboração do Centro Cultural de Belém com o Festival de Almada.

O texto *Emmanuel Kant* é um dos principais de um grande autor austriaco, Thomas Bernhard, este ano muito ligado a Almada por causa da montagem de *O Fazedor de Teatro*.

O Festival de Almada visto pela Imprensa

POTENTE, MAS QUENTE E HUMANO

Antonio Simon*

Almada — trinta e oito graus às quatro da tarde do dia 7 de Julho, e também nos outros dias do Festival: à noite refrescava, afortunadamente — é uma cidade de duzentos mil habitantes, sobre a margem sul da foz do Tejo. Converte-se assim num excepcional miradouro para ver, para se deleitar contemplando a Cidade Branca, como a denominara Alain Tanner naquela mítica película, referindo-se a Lisboa.

Desde há vinte anos, entre os dias 4 e 18 de Julho, a Companhia de Teatro de Almada, fundada e dirigida pelo prestigiado encenador português Joaquim Benite, organiza o Festival Internacional de Teatro de Almada, patrocinado por cerca de trinta entidades e instituições, entre as quais se destacam o Instituto Português das Artes do Espectáculo e a Câmara Municipal de Almada.

Este Festival é considerado um dos três mais importantes da Europa, juntamente com os de Avignon e Edimburgo. Por Almada têm desfilado grandes figuras do teatro, como Peter Brook, Giorgio Strehler, Lluís Pasqual, Luca Ronconi, Nuria Espert ou François Châtot.

Este ano, Benno Besson, um dos incidentáveis mestres da cena ocidental contemporânea, foi a estrela que nos deixou dois lustres da sua fascinante magia: um foi *O Círculo de Giz Caucasiano*, de Bertolt Brecht, que não pude ver, mas que foi um êxito se tivermos em conta os comentários da crítica e do público que enchia o Grande Auditório do Centro Cultural de Belém (mais de mil e quinhentos lugares) e que aplaudiram durante dez minutos, de pé. Há que não esquecer que Benno Besson é o único encenador vivo que trabalhou cerca de oito anos como assistente de encenação de Brecht.

A outra jóia que Besson nos deixou foi *O Amor das Três Laranjas*, de Edoardo Sanguinetti, a partir do texto de Carlo Gozzi, autor italiano coetâneo e mesmo adversário literário de Carlo Goldoni. Besson, apoiado magistralmente pela cenografia e pelos figurinos desenhados por outro grande criador da cena italiana, Ezio Tofolutti, propõe-nos uma montagem ao mais puro estilo da *Comedia dell'Arte* cheia de ortodoxia brechtiana, cheia de

vivacidade, de imaginação interpretativa, de distanciamento, de eficácia narrativa e reflexiva, afastada de qualquer pompa ou retórica, servida com um ligeiro tom *naïf* ou mesmo infantil. Besson disse no colóquio — um dos atractivos do festival são os colóquios com os autores, encenadores e actores participantes no certame almadense — que as crianças são os seres mais inteligentes do planeta. Resumindo, *O Amor das Três Laranjas* está cheio de um humor que nos permite o riso cerebral e a gargalhada sonora espontânea, porque este espectáculo mágico e ortodoxo com o pensamento teatral de Brecht (durante muito tempo Benno Besson foi tido como um heterodoxo que se afastara da autêntica linha brechtiana), não se isenta da actualidade nem da crítica aos dirigentes do momento presentes no governo italiano, sem esquecer o seu presidente.

Para além dos espectáculos mencionados, outros três, de entre os 29 que este ano Almada oferecia, eram especialmente esperados no Festival: *Seis Personagens em Busca de Autor*, de Pirandello; *Combate de Negro e de Cães*, de Bernard-Marie Koltés; e *Tangos e Tragédias*, de Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky. Aguardados cada um por razões distintas: o de Pirandello por o seu encenador ser um jovem luso-francês, mas já com bastante êxito em França, e proceder de uma família muito teatral, pois é sobrinho de João Mota, o director da mítica companhia A Comuna, de Lisboa; a sua mãe foi actriz e o pai é um afamado encenador francês. No entanto não são estes os méritos de Emmanuel, mas sim o de ser um pesquisador, um homem que busca uma renovação do teatro europeu, com uma visão própria. Como se pode comprovar em *Seis Personagens em Busca de Autor*, obra na qual, afastando-se um pouco da proposta filosófica sobre esta sociedade ocidental que viaja por essa fronteira subtil e aterradora que separa o mundo real do surreal, Mota faz uma análise pujante ao redor das relações íntimas da família na sociedade actual, sem ter medo desse magma erótico, e mesmo sexual, que de uma forma encapotada e enferma impregna a vida de toda uma comunidade. Tudo servido com um *tempus* medido e controlado,

poético, muito bem marcado musicalmente, que serena ou acelera a violência reprimida.

"O bom teatro é o que não aborrece", diz Jacques Nichet, um dos grandes encenadores europeus que não esconde o seu interesse pelo teatro de Bernard-Marie Koltés, que marcou o seu trabalho em Montpellier. "Em Koltés, o que me agrada é a mistura do desespero com o humor". Este *Combate de Negro e de Cães* dirigido por Nichet é um texto duro sobre a interesseira, intransigente e estúpida persistência da colonização ocidental em África. Uma exploração petrolífera no continente africano, em processo de deterioração, é o marco no qual Nichet nos apresenta um choque de interesses, de mentalidades, de civilizações, representado através de personagens cheias de medo, de saudade, de incompreensão ou de incapacidade para aceitar o presente de cada um. E todos, sem excepção formamos um poliedro de múltiplos sentimentos que, neste caso, afloram de forma contínua e simultânea nas personagens que, sem demasiado artifício, o encenador nos deixa ver. Especial atenção mereceu, da minha parte, o espaço poético e redondo, onde não há nada que não seja necessário: um dorritório é um retângulo de luz bem definido no chão e uma liteira dentro dele, seis bidões metálicos empilhados dão-nos a dureza masculina de um trabalho sujo e afastado da civilização, uma chuva inesgotável de pétalas falamos da ternura poética e da ilusão feminina na procura de um tempo de entendimento sonhado e possível.

Tangos e Tragédias é um espectáculo que os seus autores, actores e músicos, Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky, têm em cena no seu Brasil natal e em muito outros países há já dezanove anos, com versões em português, espanhol e inglês. Um espectáculo cheio de humor, de música e de teatro interactivo, no qual a participação do público, provocada pelos actores, é muito importante para o desenvolvimento da proposta. Havia tempo que não me ria tanto no teatro. Adaptam o espectáculo, camaleonicamente, ao país, ao lugar, ao auditório. Como anedota ilustrativa não resisto a contar que, sendo o espectáculo

de noite e ao ar livre, os espectadores estavam a descoberto e, a meio de uma cantiga, começou a chover miudinho (foi a única altura durante todo o Festival, parecia mesmo programado), e aos poucos foram trocando a letra do tango por outra, sobre a chuva, sobre os espectadores molhados, sobre a impertinente incontinência das nuvens e sem acabarem a canção saíram do palco para fazer uma reza aos céus para que detivesse a chuva, convidando todo o público a segui-los, mais de oitocentos espectadores encantados como os ratos do conto pela música do flautista, neste caso pela de um acordeão e de um violino, que nos fizeram cantar, aplaudir e rir até chorar. Fantástico.

Quem prescinde dos actores é Denis Marleau na sua proposta teatral *Os Cegos — Fantasmagoria Tecnológica*, com texto de Maurice Maeterlink. Texto escrito em 1890 e que trata da situação de doze cegos que saem em excursão e se perdem no bosque, num momento em que tudo lhes é estranho, inacessível e perigoso. Com uma linguagem minimalista, reiterativa mas poética, cheia de silêncios e subentendidos em torno do enigma da morte, converte-se num texto magnífico para a investigação de Denis, que o oferece na sua mais pura essência, sem a distorção do tráfego cénico e os seus incidentes inerentes e distintos cada dia, sem a distorção interpretativa do actor, que muda porque também muda o lugar, a data, a temperatura, o Universo a cada instante. Denis baseou o seu trabalho numa espécie de actores virtuais, que resultam da projecção de rostos gravados reais sobre máscaras imóveis, dotando-as de expressividade. Estas personagens, apenas de rostos e nada mais, dotados de uma voz tratada por computador, quase sem emoções, transmitem, pelo contrário, um sentimento que encrespa os cabelos naquele espaço escuro no qual doze rostos de olhar ausente falam dos seus próprios medos e dos de todos.

Entre tantos países, tantas companhias, só notei a falta de uma representação de teatro galego. É curiosa esta situação de costas voltadas entre dois povos de culturas paralelas, paisagens inímicas e línguas comuns. Tão perto e tão longe. Joaquim Benite,

que quer estreitar laços entre Almada e a Galiza, manifestou inclusive ser muito benéfico para esta aproximação a criação de um festival semelhante numa cidade galega que poderia ser Vigo ou a Corunha. Que assim seja.

Resumindo, Almada tem um Festival potente, atractivo, bem estruturado, com objectivos definidos e boa direcção, com controle e organização para ajudá-los. Instalado, por mérito próprio, entre os inais prestigiados da Europa. Mas se algum qualificativo se lhe quisesse dar, este é um festival fundamentalmente humano. Humano pelo trato amável, sincero e hospitaleiro que dispensa a toda a gente. Humano pela homenagem que faz todos os anos a uma pessoa relacionada com o mundo do teatro que pode ser uma actriz, um crítico ou um espectador persistente, e que esse ano recaiu num grandíssimo actor cómico como é o internacional Raul Solnado. Humano porque o público vota de forma espontânea para eleger o melhor espectáculo do Festival. Humano porque os colóquios com os criadores estão cheios de gente interessada, cheios de respeito enquanto encontros de culturas. Humano porque dá gosto comprovar que todas as representações contam com a resposta do público, que abarrotta os espaços. Humano pelo encontro propiciado, depois de cada representação da noite, entre a companhia que acaba de representar e os espectadores, em redor de uns pastéis e de uma sangria. Humano pelo esforço que fazem todos e cada um dos componentes da Companhia Municipal de Almada.

Diante de eventos desta magnitude, como profissional e como espectador, não me resta outra coisa senão agradecer aos responsáveis, e em seu nome a Maria Emília Neto de Sousa, Presidente da Câmara de Almada, pelo seu firme apoio a Joaquim Benite, pela sua vitalidade e juventude à frente do leme desse transatlântico a pedais, humano e ecológico. Eu quero um igual para a Galiza, é preciso pôr as mãos à obra.

*Antonio Simon é encenador, cenógrafo, director de cinema e jornalista. O texto sobre o Festival de 2003, de que inserimos largos excertos, foi publicado na revista galega "Tempos".

Espectáculo de Honra 2004

De Sbórnia para o Mundo: *Tangos e Tragédias* de volta ao Festival de Almada



"Tangos e Tragédias": um grande êxito em 2003.

O público do Festival escolheu democraticamente, na edição passada, a produção que este ano acolheremos como Espectáculo de Honra 2004. Estamos a falar de *Tangos e Tragédias*, o espectáculo que já é considerado como um dos maiores êxitos de sempre do Festival de Almada.

Aguarda-se com grande expectativa a visita do Maestro Pletsckaya (Nico Nicolaiewsky) e do Violinista Kraunus Sang (Hique Gomez), os dois singulares músicos/actores/cantores/bailarinos oriundos de Sbórnia. O que é "Sbórnia"? "Sbórnia" é um país que não existe. Foi inventado há vinte anos atrás na cidade brasileira de Porto Alegre, onde o espectáculo nasceu num pequeno café-concerto. Desde essa data *Tangos e Tragédias* tem andado em digressão além-fronteiras, arrancando aplausos pelos quatro cantos no Mundo, quer na sua versão em português, quer em inglês ou espanhol.

Qual é, então, a relação entre a Sbórnia e *Tangos e Tragédias*? É basilar: o espectáculo consiste na execução de números musicais oriundos justamente do folclore desse país. O que Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky nos propõem é, nada mais nada menos, um espectáculo baseado no folclore de um país que não existe! O resultado de tal delirante experiência pode ser adivinhado através dos relatos da imprensa estrangeira que no ano passado assistiu à representação.



Nico Nicolaiewsky e Hique Gomez.

Chantal Boiron, jornalista francesa de *Ubu — Scènes d'Europe*, considerou que: "Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky são palhaços modernos que se inscrevem na tradição do teatro popular. Trata-se de artistas generosos que se oferecem ao público sem nada pedir em troca. Depois dos primeiros contactos, o espectáculo prossegue ainda fora do palco. De tal forma que o público não se vai embora e, a seu pedido, os nossos dois companheiros, com a sua extraordinária improvisação, continuam a representar, imaginando novos números e peripécias. E que energia têm!".

Por seu lado, Antonio Simon, jornalista galego, achou *Tangos e Tragédias* um espectáculo "cheio de humor, de música e de teatro interactivo, no qual a participação do público, provocada pelos actores, é muito importante para

o desenvolvimento da proposta. Havia tempo que não me ria tanto no teatro". Quanto à reacção do público, que encheu por completo as bancadas do Palco Grande, Simon espantou-se com os "mais de oitocentos espectadores [debaixo de uma chuva miudinha que não chegou para arrear quem quer que fosse] encantados como os ratos do conto pela música do flautista, neste caso pela de um acordeão e de um violino, que nos fizeram cantar, aplaudir e rir até chorar. Fantástico".

O reencontro está marcado para Sábado, dia 10 de Julho, pelas 22h00, no Palco Grande da Escola D. António da Costa. Espera-se uma nova enchente de público para participar na grande festa que é *Tangos e Tragédias*, um espectáculo da idade do Festival de Almada e que parte, mais uma vez, de Sbórnia para o Mundo.

DOIS PALHAÇOS MODERNOS

Chantal Boiron*

Ao vê-los dentro e fora da cena, ao escutar o riso dos espectadores, poder-se-ia prever sem enganos que os dois humoristas brasileiros Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky obteriam com o seu espectáculo *Tangos e Tragédias*, o Prémio do Público 2003 do Festival de Almada.

Nico Nicolaiewsky e Hique Gomez nasceram os dois em Porto Alegre, no Sul do Brasil. *Tangos e Tragédias*, um espectáculo já antigo, viaja ainda bastante, nomeadamente na América do Sul. E de todas as vezes, para os nossos dois companheiros, é sempre o mesmo sucesso. Artistas polivalentes, alternadamente actores, músicos, acrobatas e mimos, Nico Nicolaiewsky e Hique Gomez fazem tudo eles mesmos: escrevem os seus acessórios e as suas maquilhagens. Misturam o absurdo e a farsa, o burlesco e o grotesco, reinventam a arte do palhaço. Como os palhaços brancos e os augustos da tradição, eles são dois: o forte e o fraco, o tirano e a vítima. Há o Maestro Pletsckaya (Nico Nicolaiewsky), personagem teatral, dominador e turbulento, que exibe com uma ostentação patética as suas frustrações amorosas e o seu mau feitio mas que, encorajado pela sua superioridade, tiraniza o seu parceiro, Kraunus Sang (Hique Gomez), humilde e sonhador que, cheio de admiração pelo seu Maestro, acaba por se tornar o seu bode espiatório.

No entanto, o seu número de dueto cúmplice e complementar não pára. Nico Nicolaiewsky e Hique Gomez são herdeiros dos cómicos americanos Charlie Chaplin e Buster Keaton. Neste parentesco, podemos citar os dadaístas ou ainda Jacques Tati, o cineasta de *O Meu Tio*. A história que nos contam é plena de humor, imaginário e poesia. Mas contém também, e o título do espectáculo relembra-no-lo, algo de trágico e amargo. É certa a gargalhada perante o clamor dos

números inverosímeis que inventam. No entanto, por detrás do lúdico, há o prazer de um momento de diversão, podemos desvendar uma visão bastante negra da humanidade e das relações entre as pessoas. Não é isso, justamente, o que caracteriza os grandes cómicos?

O acordeonista Maestro Pletsckaya e o violinista Kraunus Sang, as duas personagens de *Tangos e Tragédias*, são originários de um país completamente inventado chamado "Sbórnia". Com as suas sonoridades eslavas, poder-se-ia tratar de um reino fantasma, perdido algures nos Balcãs. Com o decorrer do espectáculo, não aprenderemos grande coisa da "Sbórnia", um país sem dúvida pouco idílico mas que, pelo menos, tem o mérito de possuir um folclore e uma forte tradição musical!

Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky são palhaços modernos que se inscrevem na tradição do teatro popular. Trata-se de artistas generosos que se oferecem ao público sem nada pedir em troca. Depois dos primeiros contactos, o espectáculo prossegue ainda fora do palco. De tal forma que o público não se vai embora e, a seu pedido, os nossos dois companheiros, com a sua extraordinária improvisação, continuam a representar, imaginando novos números e peripécias. E que energia têm!

Ao receberem o Prémio do Público 2003, Nico Nicolaiewsky e Hique Gomez ganharam a possibilidade de voltar, com o seu espectáculo, ao Festival de Almada. Imagina-se que o público já espera, com impaciência, o regresso do Verão e da edição 2004 do Festival para voltar a vê-los!

*Chantal Boiron é redactora-chefe da revista internacional de teatro, editada em França, "Ubu-Scènes d'Europe", onde o texto transcrito foi originalmente publicado.

Em colaboração com o EGEAC - Teatro S. Luiz:
duas das maiores actrizes espanholas
numa encenação de Lluís Pasqual

NURIA ESPERT E AMPARO RIVELLES EM PEÇA DE DAVID HARE

A *Brisa da Vida* é talvez um dos maiores êxitos de todos os tempos do teatro inglês. Estreada em Outubro de 2002 em Londres, esgotou todas as representações durante seis meses. E se não prosseguiu com o record foi porque as suas duas protagonistas tinham compromissos cinematográficos que haviam sido contraídos anteriormente, ainda que no Outono seguinte tenham repetido o êxito na Broadway.

São vários os factores que contribuíram para este inusitado sucesso popular. Em primeiro lugar, o autor, David Hare, um dos mais reconhecidos das últimas gerações, carregado de prémios e de êxitos de bilheteira. Hare ainda é pouco conhecido em Espanha, ainda que aí já tenham chegado alguns dos seus trabalhos. *A Opinião de Amy*, com Maparo Baró, *O Luzero*, com Joaquim Kreml e Julia Torres — e com José María Pou na versão catalã: *Céu Aberto* — são dois exemplos dos seus textos mais

populares. Hare é também um actor ocasional, dado que tem representado em todo o Mundo um magnífico monólogo sobre o conflito entre a Palestina e Israel, que tem para breve a sua estreia em castelhano. É também um argumentista de renome. Este ano esteve próximo de vencer o Oscar pela sua adaptação do romance *As Horas*.

Outro ponto do êxito foi a distribuição dos papéis. Hare escreveu a peça expressamente, como dantes faziam os autores, para duas enormes actrizes: Judy Dench e Maggie Smith. São conhecidas e populares no cinema: ambas já venceram Óscares. Mas é no teatro que desenvolvem todo o seu talento. São "Damas" dada as suas magníficas carreiras de actrizes e, com elas, produziu-se um duelo que nunca antes havia ocorrido no palco.

E obviamente o texto. Divertido, irónico, pujante, poético, literário e directo: no confronto entre uma esposa abandonada e uma amante

já quase esquecida pelo mesmo homem, há um desejo de vingança e uma situação teatral tão aguda quanto apaixonante. O humor altera-se com as vivências das duas mulheres, numa esperada confrontação por um homem que nunca vemos mas que é o outro grande protagonista.

Com estes estupendos e ilustres antecedentes quis-se encontrar em Espanha um equivalente de qualidade que não ficasse a dever nada ao original. Amparo Rivelles e Nuria Espert são duas autênticas damas da cena teatral espanhola e as suas personalidades e formas de actuar levarão a cabo o grande duelo que também fazia falta aos cenários espanhóis: será a primeira vez que trabalham juntas. O duelo promete ser espectacular. Para o êxito do espectáculo, para que tudo decorra sem problemas, contou-se com Lluís Pasqual como encenador. Trata-se de um dos grandes encenadores europeus, que nesta produção se ocupa tam-



Nuria Espert e Amparo Rivelles, em "A Brisa da Vida", de David Hare. Nuria Espert é uma grande actriz espanhola já conhecida do Festival. Amparo Rivelles, outra grande dama do teatro espanhol, apresenta-se no Festival pela primeira vez.

bém do desenho de luzes e dos cenários. Nacho Artime é outro conhecido tradutor e, dada a especifi-

cidade do espectáculo, também se ocupou da faceta de produtor. A produção em castelhano de A

Brisa da Vida é a primeira que se realiza em todo o Mundo após a sua estreia londrina. E, dada a qualidade

da obra, promete ser o êxito da temporada num sein fim de idiomas e teatros.

David Hare

David Hare é considerado um dos expoentes máximos da dramaturgia britânica contemporânea, juntamente com Harold Pinter e Tom Stoppard.

As suas obras são o retrato do seu temperamento dividido, espírito romântico e rebelde em pernanente confrontação, mas também proporcionam um quadro bem definido das convulsões da socie-

dade britânica do último século.

O dramaturgo Sir David Hare nasceu em Bexhill, Sussex, Inglaterra, a 5 de Junho de 1947. Estudou no Lancing College e no Jesus College de Cambridge. Foi co-fundador da Portable Theatre Group com David Aukin e Max Stafford-Clark (1975). É director associado do National Theatre desde 1984. Foi nomeado Sir em 1998 e é membro da Royal Society of Literature.

Lluís Pasqual

Nascido em Reus em 1951. Em 1983 é nomeado director do Centro Dramático Nacional — Teatro María Guerrero de Madrid. Em 1990 vai para Paris dirigir, durante seis anos, o Teatro da Europa — Théâtre de l'Odeón. Entretanto, dirige a Bienal de Teatro de Veneza (1995/96). Entre 1997 e 1999 foi comissionado pelo Ayuntamiento de Barcelona para o Projecto Ciutat del Teatre, e codirector do Teatre Lliure de Barcelona.

Dirige o primeiro espectáculo em 1968, *Roots*, de Arnold Wesker. Em 1976, inaugura o Teatre Lliure com *Camí de nif*, produção após a qual

se seguem alguns dos títulos mais importantes desta companhia. Entre os anos de 1997 e 2001 dirige, no Teatre Lliure de Barcelona, *À Espera de Godot*, de Samuel Beckett (que pudemos ver no Festival), *Diunenge*, de Joan Brossa e *L'hort dels cirerers*, de Tchecov. Durante a temporada de 2000/2001 estreia *La Tempesta*, de Shakespeare, no Teatre San Martín de Buenos Aires, com Alfredo Alcón.

Monta a sua primeira ópera, *Samson et Dalila* (1981), no Teatre de la Zarzuela de Madrid, seguindo-se outras, como *Falstaff*, *Don Carlo*, *La vera storia*, *Il Trittico*, *Il Turco in Italia*, *L'Enlèvement au*

Hampstead Theatre Club. Foi dramaturgo residente do Royal Court Theatre de Londres (1970) e do Nottingham Playhouse (1973). Foi co-fundador do Joint Stock Theatre Group com David Aukin e Max Stafford-Clark (1975). É director associado do National Theatre desde 1984. Foi nomeado Sir em 1998 e é membro da Royal Society of Literature.

Nuria Espert

Nasce em Hospitalet de Llobregat e aos doze entra para a Companhia Titular infantil do Teatre Romea de Barcelona.

Aos vinte e cinco anos cria, com o marido, Armando Moreno, a sua própria companhia, com a qual actuará por toda a Espanha com obras de Lope de Vega, Calderón, Eurípides, Sartre, Guimerá, Brecht, O'Neill e Shakespeare, entre outros.

Em 1969, conhece o encenador argentino Victor García, que a dirigirá em três espectáculos: *Las*

criadas, de J. Genet, *Yerma*, de F. G. Lorca e *Divinas Palabras*, de Valle-Inclán, abrindo as portas da Companhia Nuria Espert a todos os festivais internacionais.

Entre 1979 e 1981, co-dirigirá o Centro Dramático Nacional, assumindo a programação do Teatre María Guerrero. Na segunda temporada à frente do Teatre, interpretará *Doña Rosita la Soltera*, de F. G. Lorca, dirigida por Jorge Iavelli.

Desde 1986, soma ao seu trabalho como actriz o da encenação, tanto em produções teatrais como em

ópera: *Madama Butterfly*, *Electra*, *Rigoletto*, *La Traviata*, *Carmen*, ou *Turandot* foram montadas nos palcos de ópera mais importantes do mundo. Nestas óperas, Nuria Espert trabalhou com directores musicais como Plácido Domingo ou Zubin Metha.

No teatro, dirigiu actores da craveira de Glenda Jackson, Joan Plowright (*La casa de Bernarda Alba*) em Londres, Irene Pápas (*Medea*) em Barcelona, ou Tamasaburo Bando (*Contradanza*), em Tóquio.

Amparo Rivelles

Amparo Rivelles estreou-se no teatro aos treze anos. A partir de 1940 converteu-se numa das estrelas de Cifesa sob as ordens de Rafael Gil. Luis Lucia e Juan de Orduña. Naquela época participou nos filmes: *Malvaloca*, *El clavo*, *La calle sin sol*, *De mujer a mujer*, *Un ángel tuvo la culpa*, *La leona de Castilla* e *Alba de América*, entre outras.

Em 1957, vai para o México: onde ficou por mais de vinte anos, realizando numerosos trabalhos para teatro, cinema e televisão.

Para regressar a Espanha, protagonizou títulos como: *Salvad a los delfines*, de Santiago Moncada;

Hay que deshacer la casa, de Sebastián Junyent e *El caso de la mujer asesinada*, de Miguel Mihura.

Com a Companhia Nacional de Teatro Clássico, e sob a direcção de Adolfo Marsillach, interpreta *La Celestina*, de Fernando de Rojas. Sob a direcção de José Luis Alonso interpreta *La loca de Chaillot*, de Jean Girardoux, assim como *Rosas de Otoño*, de Jacinto Benavente.

No cinema protagonizou, desde 1940, mais de 50 títulos com os mais destacados realizadores, como Iquino, Marquina, Orduña, Rafael Gil, López Rubio, Luis Lucia,

Florián Rey, Orson Wells, Masó, Sacristán, Josefina Molina ou García Sanchez, entre outros.

De entre os prémios obtidos destacam-se: Fotogramas, Jorge Fiestas, María Roland del Montepio de Actores, María Guerrero del Ayuntamiento de Madrid, Mihura, Medalla Cifreulo Escritores, A.I.T.A. de Alicante, GOYA, DEIA de Bilbao, Ercilla de Bilbao, Espectador e Crítica de Valladolid, Medalha de Ouro das belas Artes, Mayte, Prémio Nacional de Teatro 1996, Prémio Ercilla de Teatro 2002, pela trajectória profissional, e Medalha de Ouro por Mérito do Trabalho 2002.

O Festival visto pela imprensa

UM ENCONTRO ABERTO À DIVERSIDADE CULTURAL

Manuel Sesma Sanz*

Assim, sem mais, Festival de Almada, sem mais qualificativos nem aditivos sonoros nem ressonâncias. Este é um Festival que não necessita de apresentação: é dedicado ao teatro com vocação internacional. (...)

Assim, sem mais, o Festival de Almada surpreendeu pela sua admirável capacidade de organização, a sua grandeza artística e o seu alcance cultural. É um Festival de artes cénicas que surpreende pela naturalidade com que resolve as situações previstas, fruto de uma experiência de vinte edições levadas a cabo pela Companhia de Teatro de Almada. Por outro lado, este Festival é digno de admiração pela sua projecção cultural, tanto do ponto de vista artístico, estético e ideológico como social e geográfico. (...)

Creio recordar um jornal português que, referindo-se ao Festival, dizia: "Almada, aberta aos quatro ventos". É um Festival que, nesta vigésima edição, acolheu produções de Angola, Bélgica, Brasil, Canadá, França, Espanha,

Itália, República Checa e, naturalmente, Portugal. Meia centena de espectáculos realizados por 24 companhias. (...)

Este Festival possui uma coerência absoluta que se fundamenta na pluralidade cultural. Pluralidade essa que se projecta para além dos acontecimentos artísticos e dos países de origem dos grupos: é uma pluralidade que se manifesta tanto nas dimensões espaciais das diferentes produções como nas linguagens cénicas e orais que são utilizadas. (...)

A escola D. António da Costa é o ponto de referência do Festival. Este espaço, se não chega a ser o centro das operações, é sem dúvida o ponto de encontro tanto dos espectadores mais fiéis como dos artistas, dos convidados e de todo o tipo de público que deseja sentir a alma do Festival de Almada. (...)

É um lugar imprescindível. O palco ao ar livre, a música, as conversas, os contactos, a abertura ao contacto com outras histórias e novas personagens, artistas, convidados e um público heterogéneo têm lugar

num espaço cosmopolita insólito. E nas duas horas prévias a que se anuncia a entrada em cena no Palco Grande, quando a tarde se faz noite, tem-se a ocasião de falar em português, em italiano, em francês, em castelhano, em inglês, em polaco, em checo ou em russo. A pluralidade cultural do Festival manifesta-se como uma explosão de fogos de artifício que se espalha em múltiplas cores. Todo o Universo tem lugar ali. O mais curioso é o facto de que todos os participantes, ou quase todos, se entendem e se assim não for, há sempre alguém disposto a traduzir para que possa haver entendimento. A esplanada da Escola D. António da Costa, a cidade de Almada e o seu Festival internacional de teatro transformam-se em pontos de encontro abertos à pluralidade idiomática. Sem dúvida, o Festival de Almada pode ser considerado como uma Babel onde confluem várias línguas, pensamentos, estéticas e perspectivas culturais das mais diversas origens. (...) Sem dúvida, a identidade do Festival de Almada

é construída através da abertura e pluralidade. E já vão vinte. (...)

O Festival de Almada também possui a peculiaridade de eleger um espectáculo de cada edição como espectáculo importante. A eleição do "Espectáculo de Honra" é feita por votação popular do público assistente.

Como Espectáculo de Honra desta edição foi elegida a produção *Tangos e Tragédias*, de Hique Gomez e Nico Nicolajewsky, realizada pela companhia Caravana Produções, do Brasil. (...)

Todo este extenso e importante evento, nasce e desenvolve-se graças ao esforço, à sabedoria e eficácia dos colaboradores da Companhia de Teatro de Almada, que em 2003 cumpriu 25 anos de existência. São 25 anos de actividade, 20 de Festival de teatro e 15 com o insólito teatro Municipal que no próximo ano terá um novo espaço, completo e moderno, actualmente em construção.

Pois bem, com Joaquim Benite na direcção, secundado por Vítor Gonçalves, os colaboradores da companhia, actores, técnicos,

figurinistas, cenógrafos e administradores distribuem-se por várias funções para que seja possível um magnífico Festival. Desde as mais importantes relações protocolares à condução de uma carrinha, passando pelo alojamento, a comunicação social e a produção geral, os colaboradores da companhia multiplicam-se numa organização perfeita, que faz do Festival de Almada um êxito cultural. Tudo isto sem deixar de lado a sua própria produção teatral e editorial (a revista *Cadernos*). O seu repertório teatral para a recente temporada 2003-2004 junta peças tão interessantes como *A Paz*, de Aristófanes, *O Fazedor de Teatro*, de Thomas Bernhard, *As Três Irmãs*, de Tchecov, *Os Dias Felizes*, de Beckett, *O Carteiro de Pablo Neruda*, de Skármeta, e *Paolo Paoli*, de Adamov.

*Manuel Sesma Sanz é crítico de teatro e jornalista. O texto parcialmente transcrito foi publicado na revista de teatro espanhola "Primer Acto".

ALMADA 2003, A ESTAÇÃO FORTE

Marina da Silva*

Nesta vigésima edição, o Festival de Almada ficou fiel aos seus princípios; aos espectáculos vindos de todos os horizontes com estéticas plurais.

Há grandes produções e formas mais ligeiras, para dar a conhecer o leque da pesquisa teatral contemporânea. No entanto, foi precisa muita tenacidade dos organizadores, Joaquim Benite e Vítor Gonçalves, para levar a cabo um Festival considerado como o mais prestigiado do País, com cerca de menos 30% de subvenções, tendo os orçamentos para a Cultura sofrido cortes trágicos desde a chegada de um ministro de direita, em 2000. Em 2001, a quase totalidade das companhias do País estava em greve como forma de protesto contra as atribuições da ajuda pública.

A abertura do Festival, a 4 de Julho, foi concedida à Companhia Paulo Ribeiro, com *Silicone não*,

de Jacinto Lucas Pires. Seguir-se-ão: *Alma Grande*, de Miguel Torga, pela companhia O Bando, Jorge Silva Melo que apresentará *Um para o Caminho*, de Harold Pinter, e João Mota com *Bão Preto*. E muitos outros cuja enumeração não será aqui premente mas que testemunha a vitalidade da geografia teatral portuguesa.

Para a dimensão de abertura ao Mundo à qual aspira o Festival, a estação forte é dada por Benno Besson com *O Círculo de Giz Caucasiano*, de Brecht, e *O Amor das Três Laranjas*, de Carlo Gozzi; Jacques Nichet com *Combate de Negro e de Cães*; Denis Marleau e *Os Cegos*, de Maeterlinck, a companhia belga TG Stan na sua versão despojada de *Tudo Está Calmo*, de Thomas Bernhard. Emmanuel Demarcy-Mota, filho do País, levará à cena *Três Personagens em Busca de Autor*, de Pirandello, uma peça que foi pouco montada em Portugal e que é muito esperada. Veremos

ainda *Romances Ciganos*, numa versão checa de Peter Bulko, e um espectáculo angolano da companhia Etu-Lenc, *Uigi-Uigia*, que se pode traduzir aproximada (e deliciosamente) por: "Quem busca feitiço não se queixe depois...".

Um último reparo acerca da peça sobre a qual nos queremos deter mais atentamente, *Rachel*, de Yan Allegret, no quadro de uma residência de criação em Portugal financiada pelo Instituto Franco-Português de Lisboa. Trata-se do primeiro texto integralmente traduzido deste secundo e jovem autor, actor e encenador que trabalha notável e judiciosamente sobre a distinção entre violência (a aparição sem compromissos da vida) e brutalidade (todo o acto destinado a anular um acto livre). Em *Rachel*, é a figura do estrangeiro que está no cume da escrita e que interroga o estatuto da palavra. Uma meditação que vem confrontar-se com o Real ("Somos nós que

nos tornamos estrangeiros quando chegamos a um sítio") através dessa aventura de teatro entre a língua francesa e a portuguesa, uma actriz francesa e um actor português. A adaptação não será a transposição do texto para português mas uma pesquisa, um vai-e-vem entre as línguas "num interstício, amontoado num sítio onde se dará a fricção" e temporalidades diferentes amassando uma palavra no passado com outra, no presente.

Rachel passa-se num "espaço ao abandono, marginal, um terreno vago ou limite do Mundo". Onde um homem solitário, mudo, e Rachel se encontram: "Procurei-o. Em tantas outras terras. Usei o meu corpo à procura dos meus irmãos em cada um de vós". Um homem diferente encarna essa presença masculina em cada série de representações. "Assim, desde a criação, em 2001, trabalhamos com um actor-amador de origem africana, um técnico-estagiário, um velho

actor de cinema argelino, um dançarino, um paciente de um hospital psiquiátrico... De cada uma das vezes, a escolha do estrangeiro, do homem, representa um lugar que me interessa. Esta escolha vai pesquisar nos lugares de efervescência onde as contradições podem surgir". Em Portugal, tratar-se-á de procurar a alteridade para além das fronteiras. Na construção de uma "nova temporalidade", uma outra noção explorada por Yan Allegret: "A relação com o tempo é o último espaço de subversão hoje em dia, o lugar onde alguma coisa ainda pode existir e ser dita, permitindo, aliás, fazer aparecer o Mundo".

*Marina da Silva, nascida em Portugal, jornalista e crítica de teatro, trabalha para várias publicações francesas e internacionais. O texto transcrito foi publicado na revista "Regards", no Verão de 2003.

A DOÇURA DA ARTE

Jorge Silva Melo*

Julho é o doce mês em que atravessamos o rio, este imenso e plácido, gordo rio Tejo que nunca vemos, os que andamos em Lisboa, e lá vamos para Almada. Julho é sempre o mês daqueles fins de tarde frescos na esplanada da Escola D. António da Costa, o mais civilizado local de Portugal, onde nada é supérfluo e tudo é simples, da comida ligeira às largas mesas onde nos sentamos, cansados uns dias, expectantes outros, conhecendo gente («É o meu filho Emmanuel», diz-me a Teresa Mota), cansados das montagens sempre intensas no grande palco montado na Escola, noite dentro e os projectores a serem afinados mesmo antes da récita, já quando os espectadores, habituados, pacientes, cultos se arrumam em interminável fila calma e serena, e o vento começa a subir Tejo acima. Julho é o mês em que, de manhã, um dia, lá vou à Casa da Cerca, maravilhosa casa municipal dedicada à mais delicada das artes, o desenho, e onde vi tantas exposições com o coração calmo de quem suspendeu o reboliço da vida e vê o rio por cima, maravilhosamente luminoso, azul com ninguém o pinta. Há uns anos o cartaz do Festival era da «minha» Sofia Areal, tão bonito, depois foi do Vespeira, a partir do desenho que conheço da casa da Glicínia, este ano lá verei o meu velho André Gomes, que faz o cartaz e expõe, que ideia tão bonita e que há tantos anos é assim. E há os Jardins serenos da Casa da Cerca

para um cigarro, uma conversa, um «que é feito de ti?» de gente que há muito não se vê e se encontra ali, todos os anos pelo Verão, na torreira das tardes, no suor das salas fechadas, na brisa fresca do fim de tarde com pataniscas. E há a exposição-homenagem a uma personalidade do teatro, Fernanda Alves, Luciana Stegagno-Picchio, o ano passado a Glicínia tão bonita e nervosa.

Não me esquecerei nunca de *Um inimigo do povo*, de Ibsen, que foi a primeira apresentação dos agora célebres STAN (e lá voltam agora, não percam!) no Palco Grande do Festival. Uma enorme quantidade de espectadores seguia com carinho a experiência radicalmente nova – e popular – desta extraordinária companhia, nada havia dos falsos ouros dos festivais, era silêncio e ouvir, era a atenção e comoção, era riso e sentido. E nesse ano de 1997, pensei que estava num país enlto, humano, em que a arte é possível, a vanguarda pode fazer sentido e os homens até podem ser melhores, em querendo. E que esse país com futuro até era Portugal, este nosso *remorso*.

É sempre essa a minha ilusão do mês de Julho ao encontrar tanta gente, artistas, técnicos, espectadores que aos poucos vão metendo conversa («gostei muito daquele», «não gostei do outro»). Que bom é ouvir a voz de quem nos vê e assim entende, tão sozinhos que andamos o resto do ano, entre pontapés e bolandas). É sempre

assim cansado mas revigorado que vou e venho ao Festival e aos seus agora múltiplos espaços. Não me esqueço de quando havia a banca de livros de La Avispa, espantosa livraria madrilena que todos os festivais ali montava escaparate e onde eu comprava e comprava autores contemporâneos, catalães como Cunillé e Benet e Jornet, castelhanos como Fermín Cabal ou Paloma Pedrero, andaluzes como Antonio Onetti, e assim ia tendo notícias desse país, desse teatro tão distante sei lá porquê. Não me esqueço de cruzar a opulenta Nuria Espert no átrio do Teatro Municipal (tantos anos depois de umas cartas que trocámos, ainda com Franco e Salazar que nem lapas nas cadeiras de que nunca mais caíam), como não me esqueço das esplendorosas fatias de bolo mármore que durante as montagens, ali vou comer ao balcão, num calor marroquino. Não me esqueço do suor dos espectadores ao entrar na sala do Teatro Municipal, não me esqueço do riso, não me esqueço daquela tarde de estreia do nosso *Prometeu*, a primeira produção dos Artistas Unidos (foi ali que nasceram, num dia 13 de Julho), em que os espectadores cantaram baixinho o *Bella Ciao* que a Isabel Muñoz Cardoso punha no gravador de cassetes. E posso ter visto grandes espectáculos, espectáculos fundamentais durante estes anos todos do Festival, ri e chorei e também me fartei. E este ano lá irei ver o meu velho compincha François Chattet cada vez maior actor, num

Koltès; e lá verei um Ibsen/Ostermaier; e não perderei os Bessons que passam pelo CCB (Benno Besson que foi quem encenou a maior obra-prima do pós-Brecht, aquele *Dragão* do Evgueni Schwarz durante anos que estive na Freie Volksbühne, em plena praça Rosa Luxemburgo na Berlim que já não existe, apostrofando o estalinismo).

Daqui a uns anos, já não vai ser assim, já haverá teatro construído, já cresce dos alicerces o edifício desenhado pelo Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, corolário óbvio do imenso trabalho realizado pela Companhia de Teatro de Almada e por este extraordinário Festival. Já entretanto, as Salas de Lisboa se lhe renderam e, do CCB ao Trindade, saltam para esta margem espectáculos e iniciativas sempre cheias de gente. Julho é o mês do Festival de Almada que sobe Tejo acima e ainda bem.

Mas, quando o ano passado, chegou o autor Spiro Scimone (que volta este ano e a representar *La Festa*), olhámos em redor e dissemos: era assim que o teatro devia ser, tão simples, para as pessoas, com as pessoas, no meio da gente. Que longe estamos das longas fanfarras da «festivalite» que pelo mundo anda, que longe andamos do mundanismo «Caras-Classe-Vip» que o teatro mata, que longe estamos do abominável consumo, que lindos são os espectadores de Almada, jovens e velhos, serenos, atentos, velhos companheiros de luta com certeza,

jovens que descobrem a noite breve do teatro.

E ficámos a conversar na esplanada da escola, sobre teatro, sobre a Sicília, sobre futebol, sobre Pinter, sobre Carlo Cechi, de novo sobre a Sicília, sobre nós.

Era Julho e ainda havia *A Capital*.

Como é bom saber que de novo regressa o Festival, ver o Vítor Gonçalves sempre impecável de fato claro e telemóvel resolvendo questões que vão do trânsito congestionado na ponte ao mau tempo anunciado na meteorologia. E o Joaquim Benite sempre entusiasmado e a resmungar, cansado e excitado, atento e perplexo.

Porque nada existe assim, tão simples, tão bem organizado, com uma equipa técnica finalmente extraordinária (aí, a mão insistente do José Carlos Nascimento), nada existe assim, sem competitividade, solidário, atento, tão longe do mercado e desta gentinha que consome espectáculos como quem põe brincos de pechisbeque, e quantos mais melhores.

Ai, quem não conhece a esplanada da Escola D. António da Costa durante o mês de Julho não saberá nunca o que é a doçura da arte.

*Jorge Silva Melo, dramaturgo, actor, encenador, cineasta, ensaísta, director da companhia Artistas Unidos. O texto transcrito foi publicado na revista "Magazine Artes", Julho de 2003.

ALMADA ADMIRA O TEATRO CATALÃO

Joaquim Noguero*

As companhias catalãs, Marta Carrasco e Teatre de Guerrilla, presentes no Festival de Almada, receberam grandes ovações do público presente e boas críticas da imprensa internacional.

Não é o primeiro ano que o teatro catalão está presente no Festival de Almada, uma cidade vizinha de Lisboa, na outra margem do rio Tejo. Ainda há dois anos ali esteve presente Luís Pasqual e o Teatro Lliure. E na edição do ano passado, o *Daadli*, da companhia Els Joglars, propunha uma perspectiva polémica sobre a arte contemporânea e a atitude de alguns dos seus principais protagonistas, que entusiasmou o público do Festival; simultaneamente, a con-

jugação de teatro e dança proposta pela Companhia Marta Carrasco surpreendia o público e a crítica. Este ano o protagonismo da representação catalã recaí sobre as gerações mais jovens.

Primeiro exemplo: quinta-feira à noite, a repetição de *Mira'm* de Marta Carrasco, recolhia mais de cinco minutos de entusiásticos aplausos, ao receber o prémio de Espectáculo de Honra do ano 2000, atribuído sempre – segundo Joaquim Benite, director do Festival – a um espectáculo de qualidade, inovador e capaz de surpreender o espectador. A festa catalã não acabava ainda. Almada e Joaquim Benite são merecedores da Cruz de Sant Jordi. Outro exemplo? Sexta-feira, jantava-se uma quente

sopa de tomate com pão e o espectáculo *Teatro Total* da Companhia Teatre de Guerrilla recebia também aplausos quentes e entusiasmados, apesar da aparente fronteira da língua. De facto, Joaquim Benite confiava mais no êxito do espectáculo que os dois actores, Carles Xuriguera e Rafel Faixedas, que o iriam interpretar, habituados que estão a representar apenas para públicos de língua castelhana. E Benite acerta. Não é em vão que o público de Almada, popular mas conhecedor da diversidade do teatro através das várias edições do Festival, é um dos principais encantos de um certame que reúne habitualmente obras e linguagens periféricas.

Quinta-feira à noite, a Companhia Marta Carrasco regressava ao Festival com o aval do êxito obtido junto do público e da crítica na edição do ano passado. O prémio que lhes vai ser entregue esta noite por Vítor Gonçalves, director adjunto do Festival, premeia a representação na edição do ano 2000. A plateia do Palco Grande, espaço onde se apresentará a companhia, está esgotada; este Palco Grande, como anunciava um jornal local, vai ser pequeno para acolher todos os que querem ver os catalães. Marta Carrasco vai apresentar ao público, com a mesma eficácia do ano passado, um espectáculo doloroso, uma galeria de monstros, sensível e onírica.

A encenadora, ao agradecer a distinção de Espectáculo de Honra, recorda que a representação no Festival de 2000 foi a segunda apresentação que efectuaram depois da carreira em Barcelona. E se já nesse ano, tanto o público como a organização lhe pareceram maravilhosos, obter agora, dessa grande família, esta distinção é «um dos melhores presentes que jamais recebi». «Que mais posso pedir? Nada, apenas agradecer muito sinceramente».

*Joaquim Noguero é jornalista do diário de Barcelona "Avui". O texto publicado inclui excertos de um artigo seu editado naquele jornal.

Com o apoio do Teatro da Trindade - Inatel e depois do êxito de "Daaalí"

ELS JOGLARS VOLTA AO FESTIVAL COM "RETABLO DE LAS MARAVILLAS"

• Cinco variações sobre um tema de Cervantes

Albert Boadella

Na época em que vivemos, as pessoas têm tendência para acreditar que nós, humanos, evoluímos com o desenvolvimento da ciência e, ainda que existam comportamentos circunstanciais que aparecem ou desaparecem em função dos diversos contextos sociais, continuam prevalecendo numerosas formas de actuação que seguiríamos, sem encontrar diferenças substanciais entre um romano do império e um cidadão actual. Denominamos, precisamente, de mitos clássicos todas aquelas situações cuja persistência sofre muito poucas variações através dos tempos, devido a terem origem em impulsos de evolução muito lenta.

Um exemplo disto é o entremez de Cervantes, *O Retábulo das Maravilhas*, em que o temor que sente alguém de linhagem duvidosa ou com sangue judeu, leva a que alguns indivíduos celebrem e consagrem algo que objectivamente não existe, pois proclamam como verdade algo que todos reconhecem como uma manifesta mentira. Na essência, nada mudou, ajuda que se trate de uma antiga metáfora oriental que Dom Juan Manuel já recria um século antes de Cervantes no seu *Conde Lucanor*, relatando como alguns pícaros envergavam vestidos que os tornam invisíveis a todo aquele que não seja filho legítimo. Posteriormente, encontramos o mesmo enredo no famoso conto de Andersen *O novo vestido do imperador*, em que apenas a inocência de uma criança é capaz de denunciar a evidente nudez do monarca e a hipocrisia colectiva. A leitura moral destas situações pode fazer-se de um ponto de vista diferente. Podemos culpabilizar os protagonistas dos embustes e, por outro lado, responsabilizar os medrosos que se deixam enganar voluntariamente e que, portanto, contribuem para o êxito do mentiroso. A falsa verdade propaga-se tendo como origem a mente mais torpe e ignorante da sociedade.

Sem dúvida que hoje os meios de comunicação apresentam gran-



des quantidades de "retábulos", nos quais uma enorme massa conunga cegamente dos seus enganos, transformando em realidade o ditado: "A cada dia que amanhece, o número de tontos cresce". Estatisticamente, isto é discutível, porque existem mais uns quantos milhões de imbecis do que na época de Cervantes. Encontramos também multiplicado um espécime bastante mais perigoso e nocivo: o imbecil culto, cuja insensata segurança é capaz dos piores desastres.

Também eu sou vítima dessa insensata segurança, tão típica dos nossos tempos, pois ousei fazer algumas variações a partir da obra de Cervantes, tendo como objectivo aquilo a que hoje se chama de adaptação de época. Que me perdoe o génio a minha atrevida ignorância, mas não soube fazê-lo melhor.

Tentei, simplesmente, encontrar um caminho que facilite, da forma mais natural possível, passar do século XVI aos nossos dias, indicando onde se encontram hoje estes "retábulos". Neste sentido,

a obra de Cervantes era seguramente suficiente, mas como temos sempre tendência a pensar que no passado eram mais burros que nós, quis precisar com certo detalhe alguns "retábulos" do presente para integrar em juízo de valor uma apreciação tão ligeira da história.

Em primeiro lugar, a minha intenção inicial era construir algo baseado no magnífico relato de Jerzy Kosinski, *Desde el jardín*. Um relato que também serviu de base para o guião da esplêndida película protagonizada por Peter Sellers, *Bem-vindo, Mister Chance*. A história mostrava um débil mental que, sendo o protagonista de uma série de confusões, acaba como presidente dos Estados Unidos. Certamente, no passado a transmissão de herança da monarquia, ou da nobreza, podia facilitar histórias muito parecidas, em que um imbecil alcançava um poder tirânico. Mas hoje estas situações têm tendência a diminuir, vendo-se substancialmente aumentadas devido à imensa influência dos meios de comunicação, capazes de

uma estupidificação colectiva sem precedentes. Neste contexto, o primeiro idiota pode ser elevado à categoria de génio ou governante, mediante o clamor popular das massas e a legitimidade da democracia.

Não obstante, assim como na obra de Kosinski, os equívocos são o que provoca a ascensão do imbecil, eu pretendia passar também as responsabilidades aos que incentivam e suportam pacificamente esta situação. Pensei, então, que a ingénua trama d'*O Retábulo das Maravilhas* era mais próxima a essas intenções. Por este prisma, e para orientar melhor o argumento face ao meu objectivo, fiz com que as histórias que surgem no retábulo constituíssem não só o núcleo do engano mas também como se o próprio retábulo fosse um espaço simulado e invisível, como o tecido dos pícaros costureiros da narrativa do Conde Lucanor. Depois, mudei a condição de aldeãos das vítimas de engano e substituí-os por condes, cujo único filho, um atrasado mental, faz desesperar os seus progenitores, até que os

pícaros, aproveitando a situação, lhes mostram, mediante o retábulo, como no futuro semelhantes incapacitados serão considerados como santos, génios e imperadores.

Este é o enredo inicial que permite construir a parábola cervantina e que depois se transpõe para os nossos dias, sem perder de todo a visão do passado à custa de várias personagens do século XVI que se vão dando a conhecer na sua versão contemporânea. É óbvio que as condições da sociedade actual facilitam uma autêntica multiplicação de "retábulos" com milhões de incautos e complexados dispostos a aplaudirem a estupidez. Retratámos alguns bastante evidentes como a arte vanguardista, a cozinha experimental, a religião e a política, ainda que tenhamos tido alguma dificuldade para escolher entre tanta variedade. Em definitivo, a única diferença que nos separa hoje de Cervantes é o facto de, na actualidade, o génio literário não se sentir muito inclinado a satirizar tanta estupidez sacralizada e paga pelo contribuinte.



ALBERT BOADELLA

Realiza os seus estudos teatrais no Instituto de Teatro de Barcelona e no Centre Dramatique de l'Est (Estrasburgo), e de expressão corporal em Paris.

Faz parte da companhia de música de Italo Riccardi.

Em 1962, funda a companhia Els Joglars. A sua actividade teatral como actor, director, cenógrafo e dramaturgo é desenvolvida quase totalmente através desta companhia, com a qual criou cerca de trinta obras. Algumas causadoras de polémicas incendiárias, que conduziram a processos judiciais, debates políticos e atentados à companhia. Foi acusado de injúrias ao exército e preso na sequência das representações de *La Torna* (1977). Posteriormente, protagonizou uma fuga espectacular, exilando-se em França.

Obras como *Mary d'Ous*, *Àlías Serrallonga*, *M-7 Catalònia*, *Teledium*, *Virtuosos de Fontainebleu*, *Yo tengo un tío en América*, *Daaalí*, etc., foram representadas em numerosos países europeus e americanos.

As suas obras, simultaneamente satíricas, trágicas e cómicas,

contribuíram para a criação de um estilo pessoal, reconhecido internacionalmente. E obtiveram um enorme êxito junto do público, conjugando o teatro de pesquisa e teatro popular, a ternura e a crueldade, a denúncia e a poesia.

Interpretou e criou diversas séries televisivas para a televisão de Hamburgo, para a TVE e para o Canal +.

É também autor dos livros *El Rapto de Talía* (DeBolsillo, 2000) e *Memorias de un Bufón* (Espasa Calpe, 2001)

Em Novembro de 2002, dá-se a publicação em catalão, pelo Institut del Teatre de la Diputació de Barcelona, do primeiro volume das suas obras: *La torna, M-7 Catalònia, Teledium, Columbi lapsus, Yo tengo un tío en América e El Nacional*. Durante o ano de 2003, publica-se um segundo volume com as suas outras obras.

É professor de Dramaturgia e Encenação do Instituto de Teatro de Barcelona.

Dirigiu a película dos Els Joglars *Boa Viagem, Excelência!*, da qual escreveu o guião e posteriormente romance, produzida por Andrés Vicente Gómez, para a Lolafilms.



RAMON FONTSERÈ

Foi membro da companhia de teatro "La Gàbia", de Vic, como actor e ajudante de direcção. É licenciado em Arte Dramática pelo Instituto do Teatro.

Faz parte de Els Joglars como actor desde 1983, tendo participado nas obras *Teledium*, *Virtuosos de Fontainebleau*, *Bye, bye Beethoven*, *Yo tengo un tío en América*, e interpretou as personagens principais de *Columbia Lapsus*, *El Nacional*, *Ubú President*, *La increíble historia del Dr. Floit & Mr. Pla*, *Daaalí*, e *La Trilogía*.

Participou também nas séries televisivas de Els Joglars: *Som una meravella* (TVE), *Ya Semos Europeos* (TVE), *Orden Especial* (TVE) e *Vaya día!* (Canal +). Assim como na longa-metragem documental *Buenaventura Durruti, anarquista*, dirigido pelo cineasta francês Jean-Louis Comolli.

Recebeu vários prémios, entre os quais se destaca o Prémio da Crítica de Barcelona por *Ubú President* (1996), o Prémio Max de interpretação masculina por *La increíble historia del Dr. Floit &*

Mr. Pla (1998) e o Prémio Nacional de Teatro por *Daaalí* (2000).

Foi jogador de futebol dos Subias Boys nas temporadas de 1974 a 1983.

Autor do livro *Tres pies al gato. Diario de un actor* (Muehnik Editores), no qual explica a sua peculiar forma de trabalhar as personagens que configuram *La Trilogía*. Na actualidade, prepara o que será o seu primeiro livro de ficção.

No âmbito pedagógico, lecciona cursos de interpretação seguindo o seu próprio método de trabalho.

Rodou a película *Soldados de Salamina* dirigida por David Trucba, baseada na obra de Javier Cercas, do mesmo título de onde interpreta a personagem de Rafael Sánchez Mazas. Intervém também na película *El Séptimo Día* com guião de Ray Loriga e direcção de Carlos Saura. Protagoniza, ainda, a película de Els Joglars, *Boa viagem, Excelência!*.

O público do Festival ainda está recordado do grande êxito obtido em 2000 por Ramon Fontserè na interpretação de *Daaalí*. O *Retábulo* é o mais recente espectáculo de Els Joglars.

O Festival de 2004

VINTE E QUATRO GRUPOS, QUARENTA E DOIS ESPECTÁCULOS

A edição comemorativa dos 20 anos do Festival, de 4 a 18 de Julho de 2004, inclui um total de 24 companhias (13 portuguesas e 11 estrangeiras) oriundas de Espanha, França, Itália, República Checa, Marrocos, Argentina e Brasil.

O Festival decorre em quatro espaços de Almada (Escola D. António da Costa, Casa da Cerca, Teatro Municipal, Fórum Romeu Correia) e cinco de Lisboa (CCB, Teatro da Trindade, Teatro do Bairro Alto/Cornucópia, Teatro São Luiz e Teatro Taborda).

Este ano regista-se uma nova parceria, o EGEAC – Teatro São Luiz (Câmara Municipal de Lisboa), que assim vem juntar-se ao Centro Cultural de Belém e ao Teatro da Trindade – Inatel. Assinale-se ainda a colaboração de outras salas de Lisboa, o Teatro do Bairro Alto / Cornucópia e o Teatro Taborda.

Duas produções terão a sua estreia no Festival.

A programação integral deste ano, que será anunciada no dia 18 de Junho, às 21h30 na Casa da Cerca, inclui numerosas surpresas e espectáculos de grande qualidade, que tornarão inesquecível esta 21ª edição do Festival.